

## A necessidade da inclusão da educação financeira nas escolas

Reinaldo Domingos\*



Diante de tantas transformações sociais e tecnológicas, exercer a profissão de articular os conhecimentos com o dia a dia das crianças nos desafia a um novo entendimento da postura de professor. Além de ser mais ousado, flexível e criativo é preciso estar motivado com os conhecimentos e envolvido com as pessoas que o cercam.

Percebemos que para contribuir com o crescimento e desenvolvimento do país e com a elevação da qualidade da Educação é preciso ensinar a cuidar do orçamento como uma questão fundamental, evitando um caminho de dívidas. Disseminar os hábitos de planejamento mostrando caminhos para um novo comportamento em relação as finanças pessoais possibilita quebrar o ciclo de gerações com dívidas.

Os professores podem, por meio da educação financeira, proporcionar uma melhor qualidade de vida, possibilitando a todos, a realização de seus sonhos. Alcançar o equilíbrio e independência financeira fará um País melhor, mais educado, desenvolvido e economicamente viável. Já que o sucesso é do tamanho dos sonhos.

Conceitos de educação financeira como: geração de renda, trabalho descente, consumo consciente, economia e planejamento pessoal e familiar podem ser amplamente difundidos e adequados aos currículos de nossas

escolas de ensino básico, médio e superior.

Repensar a relação com o dinheiro, se adequar a um orçamento baseado no ganho mensal e propor mudanças no comportamento de consumo, com a perspectiva de poupança, são os pilares que dialogam diretamente com os conteúdos das disciplinas formais, transversais e ainda com os projetos extra curriculares presentes nas Instituições de ensino formal e não formal.

A Educação Financeira, utilizada de forma didática e simples nos mostra como é possível conquistar a independência financeira. O objetivo é fazer com que as pessoas tenham uma nova atitude sobre como utilizam o dinheiro. Geralmente as grandes preocupações são com as saúdes física, mental e espiritual, mas hoje, além dessas, não se sobrevive sem a necessidade da preocupação com a saúde financeira, como sendo uma questão comportamental.

A partir do retrato dos gastos e dívidas adquiridas é possível começar a ter um pensamento mais saudável e econômico com uma expectativa voltada para a poupança.

**\*\*Reinaldo Domingos - Educador e Terapeuta financeiro. Também é autor dos livros "Terapia Financeira" e "O Menino do Dinheiro" - (Editora Gente), e criador da Metodologia DiSOP - Educação Financeira - Presidente do DiSOP Instituto de Educação Financeira - (www.disop.com.br).**

## Alunos fogem da ideia de virarem professores

Coletivo - DF



Na década de 50, as mulheres, na maioria das vezes, tornavam-se professoras e os homens, advogados. Eram profissões para pessoas de classe alta. Hoje, são os alunos da classe C e D que optam pela carreira de professor.

De acordo com a Pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, apenas 2% dos estudantes do ensino médio se interessam pela carreira do magistério, entre os motivos estão os baixos salários, péssimas condições de trabalho e a desvalorização da carreira. Devido a este desinteresse já existe a falta de 300 mil professores das áreas de exatas como as disciplinas de física, química, biologia e, principalmente, matemática.

Segundo o especialista em educação, Remi Castioni, a impressão que os estudantes têm da carreira se forma durante o ensino médio, considerado o mais defasado na etapa da educação básica. "O desinteresse pela carreira de professor é por causa da imagem do ensino médio ruim, uma das etapas da educação básica que vai muito mau no Brasil, e que de alguma forma é um elemento contaminador. O ensino médio não tem propiciado uma perspectiva de possibilidades a carreira de professor", observa o professor da Faculdade de Educação da UnB.

Outro fator constatado pela pesquisa diz respeito ao perfil dos poucos que ainda se dedicam à carreira de professor também está mudando. Para os estudantes carentes, o maior atrativo é a garantia de emprego, principalmente nas escolas da rede pública de ensino. Para a professora de história, do ensino fundamental, Kéllbia Cristina Medeiros, a carreira docente é vista como mais "barata" pelas classes populares. "Professor é uma profissão desvalorizada entre

os próprios estudantes. Eles são descrentes dessa carreira. O curso de licenciatura é o mais fácil, mais barato e mais rápido para se formar. Os alunos dos colégios particulares não querem ser professor, por ter uma visão de vida diferente. O aluno vê em sala de aula as dificuldades do professor, o dia a dia, é complicado e eles sabem que o educador não ganha bem", afirma a professora.

Virgílio Almeida, professor de português e coordenador do curso de letras da Universidade Católica de Brasília, acredita que a falta de interesse pela carreira de professor seja semelhante entre os alunos das instituições públicas e privadas. "A falta de prestígio e, conseqüentemente, a falta de interesse entre os alunos de escolas particulares e os de escolas públicas é semelhante. A diferença está nas condições que o aluno do colégio particular tem em correr atrás da formação para outras carreiras", opina.

Apesar da falta de professores para a educação básica, a grande preocupação dos especialistas está relacionada à má qualidade de ensino nas escolas. Os estudantes que estão formando nas áreas de licenciatura apresentam graves deficiências de aprendizagem, o que obriga as faculdades a ensinar conteúdos básicos, do ensino fundamental e médio, que os futuros profissionais da educação já deveriam dominar.

"A universidade não consegue fazer milagre. O aluno no curso superior tem quatro anos para recuperar conhecimento de 11 anos de estudo. Geralmente, os alunos que cursam licenciatura são aqueles que não têm condições de investir em uma bagagem cultural maior e conhecimento enciclopédico. O que a pesquisa demonstra é o que a gente vê na prática", analisa Virgílio Almeida.

\* Caro Associado, a coluna 'Artigos Acadêmicos' está aberta para TODOS os sócios da APUSM que desejem debater ideias ou divulgar seus trabalhos científicos. Para participar, basta enviar um texto com até 5.000 caracteres para [jornal@apusm.com.br](mailto:jornal@apusm.com.br) até o dia 10 de cada mês.